

PRÓLOGO

De todos os convidados reunidos no interior da Sinagoga Touro, nenhum se encontrava mais encantado do que Miriam Hartman, mãe do noivo. Estava sentada na fila da frente, com lenços de papel na mão, o marido à sua direita, a mãe da noiva — uma amiga íntima — à esquerda. *Se ao menos o Noah tivesse casado com uma simpática rapariga judia como Sarah todos esses anos antes*, pensou Miriam, *a sua vida teria sido perfeita, exatamente como ela planeava. Mas em vez disso, a sua vida fora arruinada por aquela shicksa¹ Robin com quem ele insistira em casar contra a vontade dos pais. Tanto ela como Jerry tinham tentado cortar o mal pela raiz antes de ser demasiado tarde, mas Noah era obstinado, viera com um disparate qualquer acerca de se sentir a flutuar e da maneira como ela o olhava. Miriam não conseguia perceber porque é que Noah nunca lhe dava ouvidos, quando, afinal de contas, ela, a sua mãe, só queria o melhor para ele. E nesta altura, com Noah na meia-idade, concluiu Miriam, Sarah era o melhor para o seu filho. Com todas as más decisões que ele tomara durante a sua vida, pedir a mão de Sarah parecia ter sido a única decisão redentora.*

Regozijando-se discretamente com a sua vitória, Miriam não sentia necessidade de se vangloriar pelo papel desempenhado na união daqueles dois. Tanto quanto Noah sabia, o seu encontro com Sarah na estreia do filme *Sand Dollar*² acontecera por acaso, ou talvez

¹ Termo iídiche, de uso algo pejorativo, para designar uma mulher não-judia que interage com judeus. (NT)

² *Sand Dollar*, título original deste livro, é o título do filme que no romance os personagens Noah e seu irmão Scott realizaram. *Sand Dollar* é também o nome

mesmo por intervenção divina — se se acreditasse nesse tipo de coisas. No entanto, nada houvera de divino em tudo isso — pelo menos dessa vez — porque fora Miriam quem para ali a levava secretamente.

Miriam ostentava um chapéu de abas largas ornado com uma fita de cetim bege, tule e tufos de rosas. Tinha um vestido *Carolina Herrera* de seda castanha, adornado com contas faiscantes e renda, e um precioso alfinete de esmeraldas em forma de borboleta preso ao ombro. Um espetacular anel de noivado com um diamante de 22 carates lapidado em bagueete eclipsava-lhe o dedo, e brincos compridos de esmeraldas em forma de cristal pendiam-lhe dos lados do pescoço delgado. Sentado a seu lado, o marido, Jerry, assemelhava-se a um James Brolin de oitenta anos, alto e magro, com o cabelo branco bem tratado e uma presença imponente. Vestia um *smoking* preto de Brioni, complementado pela bengala preta encostada à parte lateral do banco.

A sinagoga estava totalmente cheia por metade dos membros do Country Club de Spring Valley, todos envergando *smokings* e vestidos compridos para aquela cerimónia de gala. Era uma montra para a comunidade judaica mais proeminente de Rhode Island. Na bimá, dois mil grandes botões de rosa brancos adornavam a chupá branca. De pé sob esta, o rabi acenou amigavelmente a Jerry, num gesto de reconhecimento ao mais generoso benfeitor do templo. Logo à direita encontrava-se Noah, ao lado do padrinho, o seu irmão Scott. Vestiam fraques brancos com laços brancos, e tinham na cabeça quipás brancos.

O maestro ergueu a sua batuta e a orquestra de dez elementos começou a tocar o *Canône* em Ré Maior. As cabeças viraram-se enquanto todos os olhos se fixavam na primeira dama de honor que caminhava lentamente pela coxia atapetada de vermelho com um vestido cor de vinho. Depois de as seis damas de honor ocuparem os seus lugares na bimá do lado esquerdo da chupá, a soberba execução da obra-prima de Pachelbel terminou e fez-se silêncio.

inglês de uma espécie marinha pertencente ao grupo dos ouriços-do-mar, que não existe em águas portuguesas, e conhecida por «bolacha-do-mar», cuja menção é recorrente ao longo do livro. (NT)

Quando a orquestra principiou a tocar a *Marcha Nupcial*, todas as cabeças se voltaram de novo para o fundo da coxia em ansiosa expectativa. Sarah era uma mulher bela e jovem, indubitavelmente a noiva mais bonita que aquela congregação veria alguma vez.

Com vinte e cinco quilos a mais e uma cruz de prata ao pescoço, Robin precipitou-se pela porta aberta da sinagoga, de *jeans* rasgadas e uma *T-shirt Block Island*. Estacou abruptamente e os seus olhos perscrutaram a sala. Todos os quinhentos convidados, sentados nos bancos, desviaram o olhar para ela. Virando lentamente a cabeça para a direita, ela avistou de súbito Sarah, que se encontrava a apenas alguns metros com um vestido de noiva de cauda e uma expressão de angústia estampada na cara por trás do seu diáfano véu branco. A música cessou repentinamente.

O sorriso de Noah, até aí repleto de expectativa, transformou-se em curiosidade enquanto ele erguia a mão sobre os olhos para ver quem acabava de entrar, e abria a boca de pasmo. Olhou para o irmão, de pé a seu lado e emudecido.

Com um ar embaraçado, Robin deu meia-volta e fugiu pela enorme porta de madeira. Os convidados começaram a murmurar e viraram-se cabeças tentando perceber o sentido daquilo tudo. Lançando em redor um olhar nervoso, o maestro olhou para Miriam à espera de uma orientação, e ela fez-lhe com as mãos o gesto para prosseguir. Ele ergueu a batuta e, ao som da *Marcha Nupcial*, Noah correu pela coxia fora em direção à porta. — Não te preocupes — balbuciou ele ao passar por Sarah. — Eu volto já! — Com uma expressão confusa, Sarah afastou o véu da face e olhou para as suas damas de honor no outro extremo da sinagoga. A tagarelice dos convidados surpreendidos aumentou enquanto toda a gente se levantava e dirigia para a saída. Com um roçar de seda dispendiosa, Miriam caiu desmaiada.

Noah desceu a correr o lance de degraus de granito atapetados de vermelho e ultrapassou a fila de enormes limusinas brancas aguardando lá fora. Alcançou Robin que caminhava rapidamente pelo passeio.

— Ei... que diabo estás tu a fazer aqui? — exclamou ele, agarrando-a por um braço.

— Lamento, Noah — disse ela, limpando uma lágrima e virando-se para o encarar de frente. — Eu nunca devia ter vindo. Sou tão idiota. — Abanou a cabeça e lançou um relance à carruagem branca puxada por dois cavalos brancos. — Volta para o teu casamento de conto de fadas — soluçou ela, atravessando a rua a correr.

Noah continuou a segui-la, esquivando-se ao trânsito, e apanhou-a do outro lado. — EI! — gritou, andando depressa atrás dela e agarrando-a de novo. — Ainda não respondeste à minha pergunta. Porque estás tu aqui?

Ela olhou para ele com afeto. — A culpa não é tua... Não há razão para nós não podermos ter continuado casados. A medicação... o psiquiatra... Céus, nem sequer sei por onde começar — proferiu, tapando a boca e desviando o olhar.

— Não acredito nisto — comentou Noah, abanando a cabeça. — Não me digas que és *tu* quem precisa de uma conclusão, porque se o fazes...

— Não... não, não é isso. Eu cometi um erro enorme... Nunca te deveria ter deixado.

— Vamos lá a ver se percebo bem. Vieste até aqui só para me dizeres que cometeste um erro enorme? — Ela acenou afirmativamente. — Um erro — repetiu ele, erguendo as mãos ao ar e desviando os olhos. — Um erro? — perguntou, voltando a olhá-la à procura de confirmação. — Achas que eu não sei já isso? Hum? Desejei tanto odiar-te, mas não consegui deixar de te amar tempo suficiente para te odiar. Se houvesse alguma maneira de poder apagar a tua recordação da minha cabeça, tê-lo-ia feito instantaneamente. Mas não havia hipótese disso... enquanto o meu coração se recusava a esquecer. Eu teria dado o meu pulmão esquerdo só para te ter nos braços um dia mais, apenas um dia. Treze anos... e não passou um único dia em que eu não rezasse para que tu voltasses, me olhasses nos olhos e disseses as palavras que acabas de me dizer — declarou ele virando a cabeça e olhando para o outro lado da rua, onde Sarah e o resto dos convidados abandonavam o edifício.

— NÃO... Não, não posso fazer isso. A Sarah é uma boa mulher e uma boa amiga. Ela nunca me abandonaria; ela ama-me. Lamento,

Robin — disse ele, fixando-a de novo. — Chegas demasiado tarde. Caso não tenhas reparado, eu caso-me hoje — afirmou ele. Virou-se e afastou-se, esforçando-se por não olhar para trás. Ansioso por regressar para junto da noiva que o aguardava do outro lado da rua, parou na esquina e esperou que passassem alguns carros. Ao sair do passeio, ouviu Robin gritar.

— O que é que disseste? — indagou, voltando a pousar o pé no passeio enquanto ela corria na sua direção.

— Eu lembro-me — disse Robin, alcançando-o, ofegante.

— *Lembras-te?* — ecoou ele, incrédulo. — De que podes tu lembrar-te? — perguntou, fitando-a fixamente à espera da resposta.

A beleza da alma dela brilhava vivamente através dos seus olhos ternos que fixavam intensamente os olhos, já suavizados, de Noah.

— Lembro-me... de que te amo — respondeu ela em voz doce, mordendo nervosamente o lábio.

E ali estava... ela olhara-o realmente nos olhos e dissera-o. Ouvindo aquelas palavras saírem-lhe dos lábios, Noah sentiu lágrimas a irromper-lhe dos olhos. Após todos aqueles anos, obtinha finalmente a conclusão de que precisava tão desesperadamente.

Soltando um grito de raiva, virou-se e atravessou a rua mesmo à frente de um táxi que travou ruidosamente, quase o atingindo.

— DIABOS TE LEVEM! — gritou-lhe Noah, dando um murro no capô do carro.

— EI! — gritou o condutor do táxi pela janela.

— Como é que podes fazer isso? — perguntou Noah. — Como é que ficas aí parada a dizer que me amas? Como... como se os últimos treze anos não tivessem existido. Como se de algum modo tivesses viajado no tempo e recuado até à ultima vez que te tive nos meus braços, e... e as coisas continuassem na mesma, exatamente como as deixaste. O que esperas tu que eu faça, Robin? O que... — O nó na garganta impediu-o de dizer algo mais. Abanou a cabeça e desviou o olhar, uma lágrima a deslizar-lhe pela face enquanto Robin abria a porta do táxi e entrava.

Havia carros a buzinar, bloqueados por Noah, parado no meio da rua diante do táxi. Ele olhou para a sua noiva do outro lado da rua e depois olhou para a mulher que realmente amava, que chorava dentro do táxi.

E agora?, pensou ele.

FRÁGIL: LIDAR COM CUIDADO

Olhem para mim. Não demasiado acabado para um homem de oitenta anos, hem? Sinto-me bastante bem, embora não consiga recordar-me de como aqui vim parar nem como esta ligadura apareceu na minha testa. Espero sair daqui em breve; gostaria de ir para casa. Afinal, hoje é o nosso aniversário de casamento.

Inclino-me mais para o espelho, virando a cabeça para o lado e tocando na ponta do adesivo branco que prende a compressa quadrada à minha testa. Deixem-me só puxar aqui o adesivo um bocadinho para ver o aspeto disto. Ouço bater à porta. É melhor voltar para a cama.

Apresso-me a sair da casa de banho e corro de volta para o meu leito de hospital, para o qual salto com relativa facilidade. Ouve-se uma segunda batida, desta vez mais alta. — Entre — digo eu, puxando o lençol de algodão branco para cima da minha bata hospitalar.

Um auxiliar de bata azul entra no quarto a empurrar um carrinho cheio de roupões de tecido branco, dobrados. Aparenta ter sessenta e cinco anos, tem a pele escura, cabelo grisalho, e uma barba de fim de dia. Pendurados ao pescoço, um par de óculos e um cartão de identificação.

— Noah Hartman? — pergunta ele, pondo os óculos de leitura para confirmar o nome na ficha.

— O único.

Ele empurra uma mesa com rodas para cima do meu colo e coloca nela um tabuleiro com comida que tirou da parte de baixo do carrinho. Endireito-me para ver quando ele tira a tampa, revelando um jantar agradavelmente apresentado.

— Mmm, cheira bem! — Tenho fome, por isso como uma garfada. — *Isso* está bom — digo, apontando para a comida.

— Ainda bem que gosta. Fui eu mesmo que o preparei — diz o auxiliar orgulhosamente numa voz profunda e calmante, voltando a pendurar a ficha no lado do carrinho.

— Ei, e como é que sabia o que eu queria?

— Preencheu um pedido de refeição, lembra-se?

— Na realidade, não... — Esforço-me por pensar, tentando fazer com que as peças encaixem. — A última coisa de que me lembro é de estar em pé na arca... qualquer coisa importante para lhe dizer. Mas depois disso, é um vazio absoluto — digo eu, bebendo um gole de água pelo copo de plástico. — Então você deve ser o cozinheiro cá do hospital.

— Quem, eu? Ná... eu trabalho no segundo turno e faço aquilo que me pedem. Neste momento é servir os jantares e entregar estes roupões aos doentes.

Procuro reter um espirro mas sem êxito; espirro na mesma.

— Santinho.

— Obrigado — agradeço, pegando na caixa de lenços de papel que ele me estende. — A sua cara não me é estranha. Conheço-o?

— Ouço isso constantemente. Suponho que possua uma cara dessas. Mas tenho feito voluntariado na Fundação Hartman de vez em quando. Talvez me tenha visto lá, embora duvide muito que me reconhecesse. Devo dizer-lhe, Mr. Hartman, que o senhor realizou ali um trabalho extraordinário.

— Ora, não foi nada. E por favor... trate-me por Noah.

— *Nada?* Não seja tão modesto. A Fundação tem ajudado milhares de famílias necessitadas. Eu não chamaria propriamente *nada* a isso.

— Como já disse, você parece-me familiar — repito, fixando-o com o olhar. — Como é que disse que se chamava?

— Josh... Josh Numen — apresenta-se ele, estendendo-me a mão.

— Prazer em conhecê-lo, Josh.

— O prazer é todo meu — declara ele, sorrindo com um olhar caloroso. Eu retribuo o sorriso. — Ah... antes que me esqueça, creio

que isto lhe pertence — diz ele, entregando-me uma fotografia amolecida, com todo o cuidado para não a rasgar. — Cautela, está um pouco ensopada. Encontraram-na num dos seus bolsos. Não sei se tem qualquer significado para o senhor.

Meio hipnotizado, olho para a velha fotografia, com a imagem da bolacha-do-mar gravada na minha mente como se aquilo tivesse acontecido na véspera. — A minha mulher tirou isto com uma daquelas máquinas descartáveis à prova de água há vários anos, em noventa e seis. Está a ver o que eu tenho na mão, nesta foto? — pergunto, virando-a. — Olhe bem, porque nunca mais a verá exatamente da mesma maneira. Andávamos a fazer mergulho livre durante a nossa lua de mel nas águas cálidas e serenas...

Um *catamaran* com cerca de treze metros lançou âncora numa baía abrigada, em forma de ferradura. Arribas abruptas erguendo-se de uma praia particular de areia branca constituíam o pano de fundo daquele paraíso tropical situado nas ilhas Leeward, nas Caraíbas.

Noah era um atraente homem de trinta e oito anos, cabelo negro, olhos azuis e um corpo bem modelado. Vestia calções *Nautica* azul-escuros enquanto flutuava descontraidamente sobre o ventre na água cor de turquesa límpida como um cristal. Robin era uma bela mulher de vinte e oito anos. O seu biquíni vermelho realçava um *piercing* umbilical de prata numa cintura esbelta. O seu longo cabelo ruivo flutuava livremente sobre a superfície das águas enquanto ela tirava fotografias da vida marinha com uma máquina impermeável. A claridade da água era tão pura que tudo o que se avistava parecia encontrar-se ao alcance da mão, por muito perto ou longe que estivesse. Peixes tropicais de vivos coloridos deslizavam despreocupados em redor deles no mar imenso. Extasiado com o que o rodeava, não havia outro lugar no mundo onde Noah conseguisse sentir uma liberdade tão solta.

Bateu no ombro de Robin e fez um gesto com as mãos, apontando para um objeto solitário assente imperturbável no fundo do oceano.

É uma bolacha-do-mar. Com certeza que já viu uma, provavelmente até já teve uma na mão, hem, Josh?

Noah bateu as barbatanas e mergulhou uns três metros, pegou na bolacha-do-mar e voltou à tona para respirar através do seu *snorkel*. Abaixo da superfície da água, exibiu orgulhosamente o seu novo tesouro a Robin.

Não há duas exatamente iguais. O seu desenho simplista e forma imperfeita podem parecer algo... bem, vulgares. A maior parte das pessoas provavelmente nem pensava duas vezes nela. Portanto, porque há de este objeto aparentemente insignificante captar tanto a minha atenção?

BOOM! A preciosa bolacha-do-mar que Noah tinha na mão explodiu. No que lhe pareceu um movimento em câmara lenta, a bolacha-do-mar desintegrou-se por entre os seus dedos em milhares de minúsculos grãos de areia que se dissiparam na obscuridade.

Porque para mim, a bolacha-do-mar representa vida, e o quão frágil a vida é realmente. O que foi em tempos tão precioso para mim, subitamente e sem aviso, desintegrou-se e desapareceu diante dos meus olhos. Tal como a bolacha-do-mar, a vida não faz promessas. Aparentemente sólidas e seguras na nossa mão, as bênçãos que hoje temos na vida facilmente se despedaçam amanhã. Lição a aprender: nunca tomar os nossos entes queridos como certos. E se alguma vez tiverem a sorte de encontrar na vida aquela pessoa que vos faz amar mais do que qualquer outra pessoa poderia fazer-vos amar, vivam cada dia juntos como se fosse o último. Apreciem cada momento.

Para mim, no entanto, essa lição chegou demasiado tarde, pois ela já tinha partido, aparentemente perdida para sempre. E não havia nada que eu pudesse fazer para reconstituir as peças. Iria passar a minha vida a desejar poder recuar, viajar para trás no tempo, até ao dia em que pela primeira vez o meu olhar pousara naquela magnífica beleza.

A magnífica beleza do jovem rosto de Robin encontrava-se ensombrada pela tristeza enquanto ela perscrutava nervosa os olhos preocupados de Noah à procura de algo que a tranquilizasse.

Se ao menos eu tivesse sabido quão frágil ela era realmente. Se eu tivesse sabido o seu segredo oculto. Tê-la-ia agarrado de maneira tão diferente... nunca a teria largado...

Abandonando as divagações, o meu olhar regressou à fotografia que pusei em cima da mesa.

— Uau, ela marcou-o profundamente, não foi? — diz Josh pegando na fotografia para a contemplar. — Deve tê-la amado verdadeiramente.

— Sim, amei-a, de facto... nunca deixei de a amar, mesmo depois de ela ter partido. — Mas porquê aborrecer o Josh com tudo isto? Estou certo de que tem mais que fazer do que escutar um velho divagar acerca de alguém que partiu. — Ei, passa-me o sal, por favor?

— Então e o que tinha ela que o levou a amá-la tanto? — pergunta Josh estendendo-me o saleiro.

Uma pergunta convincente sem dúvida. Pondero-a enquanto como outra garfada. Suponho que afinal não há como evitar o assunto. Além disso, preciso realmente de contar a história a alguém. Suponho que Josh serve tão bem como qualquer outro. — Quer dizer além da maneira como ela costumava olhar para mim... mergulhando nos meus olhos, na minha alma, como se eu fosse a única outra pessoa à face da terra?

— Sim, além disso — diz Josh a rir, encorajando-me com o seu olhar simpático a contar-lhe tudo acerca dela.

— Na altura eu não sabia, mas acho que se pode afirmar que já estava morto à chegada, por assim dizer. Depois ela entrou na minha vida e consertou o que estava partido, abriu-me os olhos para o que interessa realmente, percebe ao que me refiro? Era uma pessoa cheia de vida, um espírito verdadeiramente livre. Abduquei de tudo por ela, e em troca ela ensinou-me a viver a minha própria vida e a ser livre. Fez-me sentir vivo.

— Então o que aconteceu?

— Ela desapareceu... evaporou-se no ar.

— Isso soa-me a uma história de coração despedaçado e infartúcio.

— Sim, poderia haver quem lhe chamasse isso — concordo, desviando os olhos. — Mas não é o que eu lhe chamaria. Não... eu prefiro chamar-lhe outra coisa — digo eu, voltando a fitá-lo.

— O quê, Noah?

— Uma história de amor eterno.